A INSERÇÃO DO SEGMENTO FEMININO NA LINHA DE ENSINO MILITAR BÉLICA DO EXÉRCITO BRASILEIRO E OS SEUS POSSÍVEIS REFLEXOS PARA A ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS - AMAN

LA INSERCIÓN DEL SEGMENTO FEMENINO EN LA LÍNEA DE ENSEÑANZA MILITAR BÉLICA DEL EJÉRCITO BRASILEÑO Y SUS POSIBLES REFLEJOS PARA LA ACADEMIA MILITAR AGULHAS NEGRAS - AMAN

Vladimir Bancke da Silva[1]
Letícia Veiga Vasques[2]

RESUMO

Este trabalho apresenta o que já foi feito até o momento e como está sendo conduzida a inserção feminina na linha de ensino militar bélico e alguns dos possíveis reflexos dessa inserção para AMAN, instituição responsável pela formação das primeiras oficiais combatentes do Exército Brasileiro. Tal abordagem se justifica à medida que, com a inserção do sexo feminino, o Alto Comando do Exército se deparou com o problema de ter que implementar medidas necessárias para adequar o ensino, de forma a proporcionar as mesmas condições já conferidas ao segmento masculino. O objetivo do trabalho é analisar quais os reflexos já foram observados até o momento durante a inserção e quais ainda poderão surgir no decorrer da formação a fim de proporcionar a AMAN a adoção de medidas que possibilitem o aprimoramento do processo. Este propósito será atingido por meio de uma pesquisa bibliográfica consoante com uma revisão da literatura sobre o tema, com o intuito de reunir as informações existentes a respeito do assunto, seguido de uma análise crítica da bibliografia reunida e dos documentos selecionados a fim de consolidar as informações mais relevantes a serem exploradas. A análise concluiu que a AMAN já se deparou com alguns reflexos que foram trabalhados durante o projeto de inserção e apresenta outros, possíveis de ocorrerem durante a formação que se encontra ainda em andamento, e servirão para aperfeiçoar o processo, principalmente nos aspectos psicossociais, fisiológicos, jurídicos, culturais e de liderança que apresentam características peculiares ao sexo feminino sendo necessária uma abordagem distinta daquela utilizada na formação masculina.
Palavras-chave: Alto Comando. Aprimoramento. Ensino Militar. Reflexos. Formação.

RESUMEN

Este trabajo presenta lo que se ha hecho hasta ahora y cómo se lleva a cabo la inserción femenina en la línea de educación militar bélica y algunas de las posibles consecuencias de esta inserción para AMAN, la institución responsable de la formación de los primeros oficiales de combate del Ejército Brasileño. Tal enfoque se justifica ya que, con la inserción de las mujeres, el

[1] Autor. Graduado em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras. E-mail: vladimirbancke@alunos.unis.edu.br
[2] Orientadora. Professora do Centro Universitário do Sul de Minas/UNIS-MG. Mestre em Letras pela UNINCOR. E-mail: leticia.vasques@professor.unis.edu.br.

Alto Mando del Ejército se enfrentó al problema de tener que implementar las medidas necesarias para adaptar la educación, a fin de proporcionar las mismas condiciones ya conferidas al segmento masculino. El proposito de este trabajo es analizar qué reflejos se han observado hasta ahora durante la inserción y cuáles pueden surgir durante la inserción y que también pueden surgir en el curso de formación con el fin de proporcionar la AMAN la adopción de medidas que permitan mejorar el proceso. Este propósito se logrará a través de una investigación bibliográfica en consonancia con una revisión de la literatura sobre el tema para recopilar la información existente sobre el tema, seguido de un análisis crítico de la bibliografía recopilada y los trabajos seleccionados para consolidar la información relevante para ser explorado. El análisis concluyó que AMAN ya ha encontrado algunos reflejos en los que se trabajó durante el proyecto de inserción y presenta otros que pueden ocurrir durante la formación que todavía está en curso, y servirá para mejorar el proceso, especialmente en el psicosocial, fisiológica, Características legales, culturales y de liderazgo que son peculiares a las mujeres y requieren un enfoque diferente del utilizada en la formación de los hombres.
Palabras clave: Alto Mando. Mejora. Docencia militar. Reflejos. Formación.

1 INTRODUÇÃO

A inserção do segmento feminino na linha bélica de ensino do Exército Brasileiro e os consequentes reflexos para a Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN, é um tema bastante complexo. Isso porque envolve aspectos históricos, culturais, sociais, jurídicos e sobretudo direitos individuais, uma vez que até pouco tempo se tratava de um ambiente estritamente masculino.

Diferentemente do Brasil, em outras nações, a presença feminina é marcante e notória, fruto muitas vezes das necessidades e peculiaridades específicas que favorecem, não apenas o ingresso, mas principalmente o efetivo emprego, tanto em áreas administrativas quanto em combate.

No Brasil o avanço da inserção das mulheres no mercado de trabalho corrobora com os fundamentos sociológicos na busca do processo de globalização. Assim, o ingresso feminino na carreira militar ocorre através de mudanças significativas que propiciam o acesso das mulheres nas organizações militares.

A inserção das mulheres na linha bélica faz parte de uma tendência histórica de integração das Forças Armadas à sociedade. Após a promulgação da nova Constituição Federal de 1988, a partir da década de 1990, o Exército tem se adequado a sociedade brasileira, na qual os valores democráticos assumem o centro do processo organizacional e decisório do País.

No Exército Brasileiro, o art. 7º da Lei nº 12.705, de 8 de ago de 2012, viabilizou o ingresso de candidatos do sexo feminino na Linha de Ensino Bélico, com previsão de início a partir de 2017 por meio da Escola Preparatória de Cadetes do Exército – EsPCEx, porta de acesso à AMAN.

O trabalho refere-se ao estudo dessa inserção feminina e os possíveis reflexos para a AMAN, instituição militar referência na formação de oficiais, responsável pelo preparo do militar para o combate.

Nesse sentido, o presente estudo abordará uma breve explanação sobre a mulher na sociedade contemporânea, posteriormente um histórico com uma visão geral da inserção da mulher nas diversas áreas das Forças Armadas abordando, tanto o as já existentes no Exército, como na Marinha do Brasil e na Força Aérea Brasileira, possibilitando uma comparação e uma análise a título de exemplo para a inserção na linha bélica.

Na sequência, será abordado como está sendo conduzida a inserção e os reflexos que poderão surgir para a AMAN, uma vez que a inserção está apenas em fase inicial e ainda é passível de adaptações que venham a contribuir no aprimoramento e na formação desses recursos humanos.

Como resultado, serão abordados mais especificamente alguns dos possíveis reflexos para a AMAN, alertando para as principais consequências e possibilidades de aprimoramento a fim de aperfeiçoar a inserção feminina. Essa abordagem permitirá ao leitor uma visão geral de como está sendo conduzida a entrada da mulher e um parâmetro de como pode ser aperfeiçoado o processo.

Este trabalho se justifica a medida que, com a inserção do sexo feminino na Linha de Ensino Militar Bélico, o Alto Comando do Exército se deparou com o problema de ter que implementar medidas necessárias para adequar o ensino da AMAN, a fim de formar a identidade militar do quadro feminino nas mesma condições já conferidas ao segmento masculino.

A utilidade deste trabalho está na referência as ações futuras que poderão ser adotadas para aprimorar essa inserção, bem como antever alguns reflexos que podem vir a ocorrer durante o período de formação das mulheres combatentes.

O propósito desse trabalho é analisar a inserção e apresentar os possíveis reflexos para a AMAN, visando as possibilidades de aprimoramento, para tal, será realizada uma pesquisa exploratória, bibliográfica, qualitativa, tendo como objetivo aprofundar o conhecimento a respeito do assunto utilizando os exemplos adotados por outras forças dentro do País, haja vista que no Exército é uma mudança ainda recente.

2 A MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Ao longo do último século, a mulher viu a ampliação de seus direitos enquanto ser humano e, principalmente enquanto cidadã, tornar-se a cada dia uma realidade mais concreta, o que impulsionou importantes mudanças no seu papel na sociedade.

Beauvoir (1949) afirma que:

> quando crianças, tanto meninos quanto meninas são percebidos como seres indefesos que necessitam do cuidado materno, da atenção, da amamentação e do encontro com o outro. Entretanto, a partir do momento em que a criança percebe a alteridade no espelho, e se identifica fora de si, alienando-se, o próprio meio de se encarregar de comandar-lhe a cisão, de mostrar ao homem e a mulher o papel que lhes é atribuído (apud BAQUIM 2008, p. 136).

Na história da humanidade o homem sempre foi visto pela sociedade como o responsável pela caça, pela guerra e pela garantia da segurança, enquanto à mulher cabia cuidar da casa, das crianças, dos idosos, dos animais domésticos.

A esse respeito Baquim (2008) declara que:

> a esfera da vida pública foi assim, constituindo-se com um espaço tipicamente masculino, enquanto a mulher cabia aprender a administrar a economia doméstica, o espaço da vida privada. No período colonial do Brasil, por exemplo, as moças de família passavam grande parte de suas vidas restritas ao ambiente da fazenda, saindo poucas vezes nos dias santos para missas, nasciam, cresciam, casavam-se e morriam sem conhecer outras distrações, a não ser aprender as prendas e garantir o trabalho doméstico, para onde voltava-se o homem em seus momentos de descanso: o eterno “descanso do guerreiro. (p.138)

Com o surgimento de novos direitos vários setores da sociedade passaram a ser frequentados e ocupados por mulheres. As mudanças advindas neste período impulsionaram as mulheres, não só para o mundo das ciências sociais, como para o mundo do trabalho como um todo que passou a receber cada vez mais trabalhadoras.

Percorrendo a história da mulher na sociedade, verifica-se que o trabalho feminino teve o seu ponto de ruptura, no que tange ao reconhecimento da sociedade como força de trabalho, durante a Revolução Industrial.

Os novos fatores introduzidos pela industrialização afetaram a força de trabalho de ambos os sexos. "A mulher, antes considerada mais fraca para o trabalho braçal, poderia contar com

instrumentos que fariam a produção depender menos de força física." (SOUTO MAIOR, 2008 apud TREVISO, 2008, p.23).

Segundo Mazulo (2010):

> no decorrer da década de 1970, o movimento feminista surge como um grupo organizado voltado à luta contra a discriminação sexual, postulando uma revisão nas relações entre os sexos e a inserção da mulher nos diferentes ambientes de trabalho, incluindo aí a esfera militar. Para este segmento, a emancipação feminina ocorreria através de sua inserção na dinâmica sócio- econômica, onde a figura do "trabalhador" deveria ser compartilhada entre homens e mulheres. (p.34)

A busca pela igualdade de gênero no mercado de trabalho é alvo de discussões desde a inserção da mulher na esfera trabalhista, principalmente no que tange a assuntos em que sua colocação irá lhe exigir maiores condições físicas, como é o caso da carreira militar.

Segundo SHIELDS (1998):

> toda essa evolução e os movimentos para equalização de oportunidades entre homens e mulheres não poderiam deixar o trabalho nas Forças Armadas fora deste processo, pois "enquanto as mulheres forem excluídas deste círculo restrito, a instituição não desenvolverá em todo o seu potencial" (apud HONORATO 2017 p.12).

Atualmente a mulher não exerce mais o papel secundário, passou a ser vista com extrema importância pela sociedade e cada vez mais exerce o papel de protagonista. Com o tempo a mulher marcou seu espaço nas estruturas sociais, e tem assumido cargos importantes em grandes empresas e órgãos públicos.

Apesar das conquistas no mercado de trabalho, ainda existe uma grande desigualdade no que se refere aos diferentes gêneros. Algumas mulheres ainda acumulam as atividades da casa com o trabalho ficando, por vezes, sobrecarregada. Além disso, as mulheres ainda estão em menor número nos cargos de nível superior e nas empresas, apesar de constituírem a maioria apta ao mercado de trabalho.

Na política, ainda é desigual a comparação entre os cargos ocupados por mulheres e homens apesar de recentemente o país ter tido uma mulher na presidência.

As Forças Armadas, inicialmente através da Marinha, abriram-se para as mulheres, que passaram a receber formação e a integrar os quadros militares a partir de 1980, porém ainda com certas ressalvas, uma vez que iniciaram integrando apenas as áreas administrativas.

A seguir será abordado um breve histórico dessa abertura das forças armadas para a incorporação da mulher em seus quadros.

3 HISTÓRICO DA INSERÇÃO FEMININA NAS FORÇAS ARMADAS

No Brasil, a primeira participação de uma mulher em combate ocorreu em 1823 com a participação de Maria Quitéria na luta pela manutenção da independência. Porém, apenas em 1943, por ocasião da II Guerra Mundial, as mulheres oficialmente ingressaram no Exército Brasileiro. (EXÉRCITO BRASILEIRO 2019)

De acordo com Leonzo (1997);

> foi com a II Guerra Mundial que o caráter assistencialista da colaboração feminina foi amplamente difundido. Isso porque nas trincheiras da guerra era cada vez maior a necessidade de enfermeiras já que os norte-americanos estavam sobrecarregados e não falavam o idioma dos futuros pacientes e no Brasil as mulheres eram cada vez mais atraídas pela enfermagem, motivadas pela valorização e pela dimensão dada pelo cinema ao trabalho feminino realizado junto à Cruz Vermelha, (p.107).

Em nove de outubro de 1943, o jornal O Globo publicou uma chamada solicitando que mulheres, entre 18 e 36 anos, solteiras, viúvas ou separadas e que possuíssem alguma qualificação

para o serviço de Enfermagem, se apresentassem para a seleção do quadro de enfermeiras da reserva do Exército, criado mais tarde em dezembro deste mesmo ano, vindo a serem as primeiras mulheres a ingressarem efetivamente no serviço ativo das forças armadas. (MAZULO, 2010, p.32)

Segundo Leonzo (1997, p.84)), “passado a guerra, as Forças Armadas brasileiras iniciam um processo de criação de funções internas e tarefas próximas às existentes nas profissões civis influenciadas pelas organizações burocráticas do mundo moderno.”

Dessa forma, nos anos posteriores à guerra, foram feitas reformas estruturais seguindo uma dinâmica de modernização que abriu espaço para as mulheres atuarem nas forças armadas.

Em 1992, a Escola de Administração do Exército (Salvador - BA) matriculou a primeira turma de 49 mulheres, mediante a realização de concurso público. E, em 1996, instituiu o Serviço Militar Feminino Voluntário para Médicas, Dentistas, Farmacêuticas, Veterinárias e Enfermeiras de nível superior (MFDV). Naquela oportunidade, incorporou a primeira turma de 290 mulheres voluntárias para prestarem o serviço militar na área de saúde. (EXÉRCITO BRASILEIRO 2019)

O Instituto Militar de Engenharia - IME (Rio de Janeiro - RJ) em 1997, matriculou a primeira turma de 10 mulheres alunas, a serem incluídas no Quadro de Engenheiros Militares (QEM). A Escola de Saúde do Exército - EsSEx (Rio de Janeiro -RJ) matriculou e formou, no mesmo ano, a primeira turma de oficiais médicas, dentistas, farmacêuticas, veterinárias e enfermeiras de nível superior, no Quadro de Saúde do Exército. (EXÉRCITO BRASILEIRO 2019)

No ano de 1998, o Exército instituiu o Estágio de Serviço Técnico, para profissionais de nível superior que não sejam da área de saúde. Naquela oportunidade, incorporou a primeira turma de 519 mulheres advogadas, administradoras de empresas, contadoras, professoras, analistas de sistemas, engenheiras, arquitetas, jornalistas, entre outras áreas de ciências humanas e exatas, atendendo às necessidades de Oficial Técnico Temporário (OTT) da Instituição.

A Escola de Saúde do Exército em 2001, permitiu a inscrição de mulheres para participar do concurso público para o preenchimento de vagas no Curso de Sargento de Saúde que passou a funcionar em 2002. (EXÉRCITO BRASILEIRO 2019)

Como Força Armada brasileira, a MB destacou-se sendo a primeira a admitir mulheres em seu quadro no ano de 1980.

O quadro 1 apresenta a evolução da incorporação de mulheres militares explicitando as principais formas de ingresso do Corpo Feminino, que representaram marcos históricos e legais, e seus respectivos anos de admissão, bem como os quadros e corpos que foram constituindo ao longo de suas carreiras militares.

Quadro 1 – Admissão das Mulheres nas três Forças Armadas

FORÇA	**MARINHA**	**FORÇA AÉREA**	**EXÉRCITO**
ANO DE ADMISSÃO	1980	1982	1992
QUADRO / CORPO	Corpo Auxiliar Feminino da Reserva	Corpo Feminino da Reserva	Quadro Complementar de Oficiais
MARCO LEGAL	Lei nº 6.807, de 1980	Lei nº 6.924, de 1981	Lei nº 7.831, de 1989
ANO DE ADMISSÃO	2014	1995	2017
QUADRO / CORPO	Aspirantes da Escola Naval Intendência	Cadetes da Academia da Força Aérea Intendência	Cadetes da Escola Preparatória de Cadetes do Exército
MARCO LEGAL	Lei n° 12.704, de 2012	Aviso ministerial nº.006/GM3/024, de 1995	Lei n° 12.705, de 2012

ANO DE ADMISSÃO	2019	2003	2018
QUADRO / CORPO	Aspirantes da Escola Naval Armada e Fuzileiros Navais	Cadetes da Academia da Força Aérea Pilotos	Cadetes da Academia Militar de Agulhas Negras
MARCO LEGAL	Memorando ET-2017/03-01142 de 10/04/17	Portaria nº 556T/GC3, de 2002	Lei n° 12.705, de 2012

Fonte: Ministério da Defesa. (2017)

Hoje em dia, as mulheres integram a formação superior das academias militares congêneres. A Aeronáutica foi à pioneira na inserção da mulher nas fileiras da Academia da Força Aérea (AFA), iniciando, em 1995, com o Quadro de Intendentes, e oito anos depois, em 2003, com a inserção no Curso de Formação de Oficiais Aviadores. A Marinha foi sucessora, incorporou em 2014 ao seu Corpo de Intendentes da Marinha da EN 12 mulheres. (HONORATTO, 2014 p.03)

Por fim, quarenta jovens se apresentaram na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (ESPCEX), em Campinas/SP, e posteriormente em 2018 adentraram as fileiras na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), integrando em 2019 o quadro de Material Bélico e o serviço de Intendência.

Como observamos até aqui, historicamente a mulher sempre integrou as áreas administrativas das Forças Armadas, apenas 23(vinte e três) anos depois das pioneiras, em 2003 foram admitidas as primeiras aviadoras na Academia da Foça Aérea, e somente em 2017 incorporaram efetivamente na linha bélica da AMAN.

Um estudo realizado pelo Instituto Igarapé[3] 2017, com o título "a entrada de mulheres na linha de frente das Forças Armadas Brasileiras", ajuda a desvendarmos alguns dos motivos que levaram a demora dessa entrada na linha bélica, alguns mitos precisaram ser quebrados, como mostra a tabela abaixo que apresenta uma comparação com exércitos de outros países:

Quadro 2. - Alguns mitos sobre a entrada de mulheres nas Forças Armadas do Brasil, disponível para acessos em: https://igarape.org.br, 2019.

MITOS	REALIDADE	EXEMPLO
As mulheres, por serem mais fracas, não podem exercer funções de combate. Sua presença pode prejudicar a operacionalidade da missão.	Existem requisitos físicos que devem ser cumpridos para o exercício de certas funções de combate. Esses requisitos variam no tempo e no espaço e baseiam-se não no gênero do militar, mas nos critérios necessários para se preencher certas funções. Construções sociais sobre masculinidade e força trazem dificuldades extras para que mulheres sejam vistas como militares, em especial em posições de combate.	Vários países permitem que mulheres exerçam qualquer função em suas forças armadas. Na Noruega, mulheres militares podem eleger armas de combate desde 1985. Em 2014, reconhecendo-se que a ausência de mulheres prejudicava a eficácia operacional das forças especiais norueguesas em ações no Afeganistão, criou-se uma Unidade de Forças Especiais exclusiva para mulheres. Desde 2015, o país adota a conscrição universal. No Reino Unido, após minucioso estudo sobre o impacto de mulheres militares em posições de combate, realizado pelo Ministério da Defesa britânico em 2016, o comandante do Exército recomendou que mulheres também sejam autorizadas a ingressar na infantaria e cavalaria.

[3] Situado na cidade do Rio de Janeiro, tem como objetivo propor soluções inovadoras a desafios sociais complexos, por meio de pesquisas, novas tecnologias, influência em políticas públicas e articulação.

MITOS	REALIDADE	EXEMPLO
A menstruação, a tensão pré-menstrual e a gravidez são empecilhos para que mulheres atuem em posições de combate.	Mulheres são profissionais e podem lidar com as condições severas dos locais em que são empregadas como qualquer outro soldado. Contraceptivos hormonais podem suprimir a menstruação elas assim preferirem. Homens e mulheres podem ocupar-se do cuidado e educação dos filhos.	Existem maneiras de se evitar que o tempo de afastamento causado pela gravidez tenha impacto desproporcional na carreira de mulheres militares. O Reino Unido, por exemplo, permite que os homens e as mulheres decidam como distribuir o tempo de afastamento com remuneração, a denominada licença parental, que se aplica também para cônjuges civis.
A presença de mulheres causa tensão sexual no treinamento e no combate.	O assédio, o abuso e outros tipos de violências baseadas no gênero, inclusive a sexual, são uma expressão da desigualdade de gênero. Impedir a entrada de mulheres não as protegerá desses abusos, somente reforçará essa desigualdade e a perpetuação de um modelo de masculinidade baseado na virilidade e na força física.	Inúmeros casos de abuso e violência contra mulheres militares vieram à tona em diversos países como Austrália, França e Estados Unidos. A resposta foi a de buscar entender a magnitude do problema para implementar políticas e atualizar legislações de forma a melhor proteger as mulheres.
Mulheres não têm condições físicas nem psicológicas de exercer posições de combate na guerra.	Há inúmeros registros históricos de mulheres que participaram de combates. Mais recentemente, mulheres de diversos países do Atlântico Norte exerceram funções de combate e foram bem-sucedidas. A natureza dos conflitos internacionais mudou bastante e, na guerra assimétrica, há pouca distinção entre combate e apoio ao combate.	No Iraque e no Afeganistão, dispositivos explosivos improvisados e homens-bomba fizeram vítimas indistintamente do papel que exerciam em sua unidade militar. Entre 2001 e 2015, as forças de Coalizão perderam cerca de 160 militares mulheres, a maioria atuando em funções de apoio ao combate.
Homens não aceitam ser comandados por mulheres.	Mulheres podem exercer o papel de liderança tão bem quanto homens. Homens que não aceitam ser comandados tendem a refletir visões estereotipadas sobre os papéis que mulheres e homens exercem na sociedade.	Há inúmeros relatos de operações bem-sucedidas comandadas por mulheres. Recentemente, a almirante Michelle Howard, dos EUA, assumiu o Comando Aliado de Forças Conjuntas da OTAN em Nápoles, após ter comandado navios e missões pela Marinha norte-americana. Depois de mais de dois anos de atuação no posto de Force Commander, a General Kristin Lund, da Noruega, acaba de passar o comando da Força de Paz da ONU no Chipre.
Mulheres não querem atuar no combate.	A atuação de mulheres no combate direto já é uma realidade. Além disso, o acesso a posições de combate é voluntário.	Segundo pesquisa realizada nas Forças Armadas dos eua, 22% das mulheres do Exército e 40% do Corpo de Fuzileiros Navais norte-americano gostariam de ter oportunidade de servir em posições de combate. Essas porcentagens representam um universo de mais de 50 mil mulheres. Na Nova Zelândia, cerca de 6% dos oficiais em postos operacionais são mulheres.

Disponível em: https://igarape.org.br/mulheres-forcas-armadas/pt/

Segundo o estudo realizado, como demonstrado acima, são vários os mitos sobre a atuação de mulheres em posições de combate e o seu impacto na operacionalidade das forças. E há exemplos concretos, em diferentes países, sobre o que tem efetivamente ocorrido no terreno. No Brasil, apesar dos últimos avanços, ainda persistem inúmeros desafios de ordem objetiva e, principalmente, subjetiva para que mulheres possam exercer funções de combate nas suas Forças Armadas. (INSTITUTO IGARAPÉ, 2019)

Portanto, o ingresso da mulher na carreira militar, simboliza um grande avanço na busca pela igualdade de gênero, sendo então um "marco nacional, com importantes repercussões e reflexos, não apenas no âmbito das Forças Armadas, mas na sociedade brasileira de modo geral" (ANDRARA; PERES, 2012, p.54), abrindo desta maneira novas expectativas profissionais para a esfera militar e evidenciando a grande importância da integração entre homens e mulheres.

Na sequência será abordado como está sendo realizada essa inserção feminina na linha de ensino militar bélico e os possíveis reflexos para a AMAN.

4 REFLEXOS DA INSERÇÃO

A sanção da Lei nº 12.705, de 8 de agosto de 2012, o art. 7º, viabilizou o ingresso de candidatos do sexo feminino na Linha de Ensino Bélico com previsão de início a partir de 2017 por meio da Escola Preparatória de Cadetes do Exército – EsPCEx, porta de acesso a AMAN.

Nos meses de setembro e outubro de 2016, de forma inédita, o Exército Brasileiro realizou, os primeiros concursos com vagas destinadas ao ingresso de mulheres na linha do Ensino Militar Bélico.

A despeito da observação de Neto (2013):

> [...] a exclusão da mulher das funções de combate até pouco tempo atrás estava ligada ao tratamento protetor e diferenciado que o homem-soldado, instintivamente, desfere a mulher-soldado pertencente ao seu grupo de combate, podendo comprometer a missão e a segurança coletiva. (p08)

O que se observa é que a inserção da mulher no Exército até os dias atuais, tem agregado valor a qualidade dos recursos humanos das Unidades administrativas, tendo em vista o bom desempenho feminino em certas áreas, ao ser comparada ao homem, o que desperta para uma projeção de que será da mesma forma na área operacional.

Diferente da atuação que já ocorre em outras áreas como saúde, tecnologia, ensino e administração etc., elas agora poderão desempenhar funções operacionais nas áreas de logística, onde se espera um perfil diferenciado para as novas profissionais combatentes.

As futuras oficiais integrarão o Quadro de Material Bélico e o Serviço de Intendência, sendo o primeiro ano de formação na Escola Preparatória de Cadetes do Exército – EsPCEx, em Campinas, e os outros quatro anos na AMAN, em Resende.

As sargentos que também ingressaram na linha bélica, atuarão na área técnico-logística (Intendência, Manutenção de Armamento, Manutenção de Viatura Auto, Mecânico Operador, Manutenção de Comunicações, Aviação Manutenção e Topografia). O primeiro ano de formação ocorrerá em Organizações Militares de Juiz de Fora (10º Batalhão de Infantaria Leve e 4º Grupo de Artilharia de Campanha Leve) e do Rio de Janeiro (1º Grupo de Artilharia Antiaérea). No segundo ano, as alunas darão continuidade ao curso de formação na Escola de Sargentos de Logística, no Rio de Janeiro, ou no Centro de Instrução de Aviação do Exército, em Taubaté.

Com a inserção do sexo feminino na Linha de Ensino Militar Bélico, o Alto Comando do Exército se deparou com o problema de ter que implementar medidas necessárias para adequar o

ensino das escolas militares, em especial da AMAN, com esta nova realidade, a fim de formar a identidade militar destas mulheres nas mesma condições já conferidas ao segmento masculino, no mais alto padrão de ensino.

Durante a formação, as mulheres seguirão as mesmas rotinas dos homens, vivendo o regime de internato e seguindo os mesmos valores e princípios cultuados na caserna, como o patriotismo, civismo, amor à profissão, dedicação integral à pátria, espírito de sacrifício, lealdade, companheirismo, responsabilidade, probidade e camaradagem.

Com o ingresso da mulher os reflexos de imediato já começaram a aparecer, os Estabelecimentos de Ensino precisaram realizar todas as adequações de infraestrutura como alojamentos, banheiros e vestiários, a fim de acolher apropriadamente as futuras alunas, proporcionando-lhes um ambiente saudável e que atenda à singularidade feminina.

Além das adaptações citadas, as instrutoras do quadro feminino precisaram ser preparadas, a legislação precisou sofrer alterações para adaptação à nova realidade, os instrutores do sexo masculino precisaram se adaptar e aprender a lidar com a mudança e foi necessária uma mudança de mentalidade no ambiente acadêmico, uma vez que não era comum a presença feminina na linha bélica.

Verificou-se ainda a necessidade de uma grande quebra de paradigmas, tendo em vista que, até então, a academia tratava-se de um ambiente eminentemente masculino e com a inserção do sexo feminino na AMAN o Exército Brasileiro terá, em 2021, as primeiras aspirantes a oficial da área bélica, as quais poderão alcançar, no futuro, o generalato.

Com a sanção da Lei nº 12.705, de 8 de agosto de 2012, a AMAN deu início ao projeto, “Inserção do sexo feminino na linha de ensino militar bélico do Exército Brasileiro” com a seguinte finalidade:

> implementar as medidas necessárias para adequar os Estabelecimentos de Ensino (Estb Ens) para receber e formar o sexo feminino, nas mesmas condições já conferidas ao sexo masculino, no mais alto padrão de ensino. Dessa forma, serão adotadas medidas administrativas eficazes e modificações nas estruturas físicas das escolas de formação, a fim de prover as melhores condições para que alunos e cadetes (homens e mulheres) desenvolvam postura operacional, física e moral imprescindíveis ao militar formado na linha de ensino militar bélico. (PLANO DO PROJETO, AMAN, 2013 p. 01)

A fim de atender a nova demanda, a AMAN realizou diversos estudos e palestras, das quais uma delas o autor desse trabalho teve a oportunidade de participar, com a finalidade de levantar as necessidades e as premissas básicas para a inserção feminina na linha bélica, as quais podem ser consideradas os primeiros reflexos para a AMAN.

Segue abaixo alguns desses reflexos, para as quais foram necessárias a adoção de medidas eficientes que proporcionassem a efetivação da entrada feminina na AMAN:

Quadro 3 - Reflexos da inserção feminina na AMAN.

Número de ordem	Reflexo
1	Elaboração dos editais dos concursos necessários para detalhar os requisitos gerais e específicos constantes da Lei nº 12.705, de 8 de agosto de 2012.
2	Adequação da instrução militar e os padrões de exigência naquilo que fosse inevitável, a fim de buscar o máximo de igualdade entre homens e mulheres,
3	Preparação de alojamentos separados para o sexo feminino.
4	Seleção das primeiras instrutoras do sexo feminino no QCO/QEM. grande dificuldade de se encontrar instrutoras voluntárias para acompanhar a

	formação básica nas Escolas, em razão de encargos familiares. Quanto às primeiras monitoras, a seleção dentro do universo das Sgt QMS Saúde.
5	Deixar nítido que a formação da cadete/aluna da linha de ensino militar bélico será diferente daquela adotada para as demais linhas de ensino militar. A AMAN forma o chefe militar. Considera-se fundamental que o padrão físico do (a) cadete/aluno seja elevado, por se tratar de combatente.
6	Quanto às atividades operacionais, o sexo feminino deverá ser submetido ao mesmo treinamento e às mesmas avaliações durante a sua formação, a fim de adquirir as competências necessárias ao seu futuro desempenho profissional.
7	Preparação do sexo masculino para lidar/tratar com o sexo feminino.
8	Aproveitar as experiências adquiridas pela Marinha do Brasil (MB), Força Aérea Brasileira (FAB) a fim de ampliar o universo dos parâmetros a serem considerados.
9	Necessidade de aumento de médicos especialistas na escola, como ginecologistas, mastologistas e obstetras.
10	Considerar as despesas institucionais e sociais do impacto sobre a formação do profissional militar e sobre o desenvolvimento do núcleo familiar dos cadetes/alunos casados ou arrimo de família.

Fonte: Plano do projeto de inserção do sexo feminino na linha de ensino militar bélico do Exército Brasileiro 2013.

Além dos aspectos citados, que podem ser considerados os primeiros reflexos para AMAN, após a conclusão do projeto de implantação e com a efetiva entrada de mulheres na Academia, outros reflexos poderão surgir com o dia a dia da convivência feminina nessa nova experiência, sobretudo nos aspectos, psicossociais, fisiológicos, jurídicos, culturais e de liderança que servirão para aperfeiçoar a formação até sua completa implantação.

Entres esses aspectos destaco os seguintes reflexos que podem advir para a AMAN em virtude da entrada feminina e podem ser alvos de futuros estudos se necessário:

a. Psicossociais: a AMAN tem o desafio de trabalhar esse aspecto com as cadetes, de forma a madurecerem a ideia de que em algumas situações, principalmente após a formação, poderão serem chamadas a enfrentarem situações reais de combate, inclusive com risco à própria vida e muitas vezes terão que enfrentar a incompreensão de familiares e amigos, tendo que se afastar por vezes de filhos, esposo, pai e mãe, sem previsão de retorno. Essa é uma situação muito provável na rotina militar e nova para as mulheres que até então só desempenham funções administrativas.

b. Fisiológicos: esse aspecto também é bastante importante e deve ser encarrado de forma a amenizar as consequências. Em diversas situações o militar combatente é exposto a fadiga extrema, inclusive em situações reais. Tendo em vista as diferenças fisiológicas femininas, apesar dos ajustes necessários nos índices de testes físicos já terem sido feitos, há de se atentar para conhecer até que ponto isso poderá comprometer o cumprimento de determinadas missões, principalmente se tratando de uma comandante de fração, a quem cabe dar o exemplo a sua tropa.

c. Jurídicos: entre as diversas mudanças da legislação é importante ressaltar a situação que é passível de ocorrer. No caso em que uma cadete venha a engravidar durante sua formação. A legislação prevê que ela perde o direito a vaga caso isso venha a acontecer, mas pela legislação trabalhista ela terá direito a 6(seis) meses de licença maternidade que prejudicaria sua formação. Não será passível de recurso jurídico? Se a cadete for desligada não irá pleitear reintegração? Não será um problema a ser solucionado pela administração militar? No caso de continuar a formação ela terá que deixar o filho para continuar em regime de internato? Esses são apenas alguns exemplos

de questões jurídicas que ainda não ocorreram, mas são passíveis de surgir durante o período dos 5 (cinco) anos previstos de formação.

d. Culturais: nesse aspecto a AMAN precisará trabalhar os militares do sexo masculino para mais rápida adaptação a nova convivência com mulheres combatentes, uma vez que a mentalidade e a cultura no Brasil ainda não se ajustaram a essa realidade sendo uma área ainda eminentemente masculina. Além disso, as cadetes devem ser preparadas para o quê irão enfrentar após a formação, haja vista que serão incluídas em ambientes masculinos que estarão ainda em adaptação a uma situação de mulheres comandando as frações de combatentes.

e. Liderança: As cadetes ainda não foram submetidas a situações reais. Um outro reflexo e grande desafio para a AMAN será trabalhar o aspecto liderança das mulheres, uma vez que serão condutoras de pelotões e outras frações constituídas por homens em quase a totalidade. Será que estarão preparadas para essa condução? Ao comandante cabe a missão de conduzir pelo exemplo se fazendo presente em todas as situações de risco ou não. A cadetes terão que ser preparadas tal qual o sexo masculino para serem líderes de suas frações.

Os exemplos citados não esgotam o assunto, trata-se apenas de alguns possíveis reflexos. Além desses, outros poderiam ser apresentados, porém não serão abordados nesse trabalho tendo em vista possivelmente se tratar de variada gama que ainda estão por surgir durante o aperfeiçoamento da implantação das mulheres na linha Bélica no decorrer da formação das novas integrantes da AMAN que ainda é bastante incipiente.

5 MATERIAL E MÉTODO

O estudo foi dividido em duas etapas, a primeira refere-se a pesquisa bibliográfica, que de acordo com Fonseca (2002):

> é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (p. 32).

Consoante com uma revisão da literatura sobre o tema com o intuito de reunir as informações existentes a respeito do assunto. Nessa etapa foi realizada a obtenção de informações de como está nos dias atuais a equiparação entre os gêneros, enfocando na evolução da mulher que passou a protagonizar em muitas áreas no mercado de trabalho, foi verificada ainda a bibliografia que trata do histórico da mulher nas Forças Armadas e, particularmente no tocante à participação feminina no combate, além de ser explorada ainda a legislação versando sobre o inserção da mulher na linha de ensino militar bélico do Exército Brasileiro e levantados alguns reflexos dessa inserção para a AMAN.

Em uma segunda etapa do trabalho desenvolveu-se a leitura analítica da bibliografia reunida e dos documentos selecionados e uma análise crítica a fim de consolidar as informações mais relevantes a serem exploradas.

A coleta do material foi realizada por intermédio de consulta à literatura adquirida pelo pesquisador junto a Escola Superior de Guerra – ESG, a Escola de Comando e Estado Maior do Exército - ECEME e a Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN, bem como por meio de acesso à Internet e literatura de propriedade do autor.

O trabalho em questão procurou verificar os reflexos do ingresso do segmento feminino no curso de formação de oficial do exército da Linha de Ensino Bélico, em função dos aspectos que

envolvem a qualificação da mulher para a ocupação dos cargos ligadas às áreas combatentes das Forças Armadas.

Foram apresentados, no referencial teórico, alguns dados obtidos em um estudo já realizado que descreve alguns mitos que ainda existem, e estão em processo de superação, em relação ao emprego da mulher em combate, que de certa forma contribuíram para a demora da inserção do sexo feminino na linha bélica.

Fruto dos dados obtidos, foi possível chegar em alguns reflexos que foram vivenciados pela AMAN afim de permitir a entrada feminina na área combatente, bem como levantar outros possíveis que ainda poderão advir dessa inserção.

Diante do cenário apresentado, o estudo aponta alguns reflexos relevantes no tocante ao processo de inserção da mulher em decorrência dos aspectos psicossociais, fisiológicos, jurídicos, culturais e de liderança que pairam sobre o sexo feminino.

O critério adotado para a condução do trabalho foi fruto da experiência de 9(nove) anos do autor na área de ensino militar bélico, do conhecimento pessoal sobre o processo de ensino das escolas de cursos de formação de militares de carreira do Exército e das informações advindas das próprias escolas militares.

A seguir será apresentado o resultado atingido neste artigo.

6 RESULTADO E DISCUSSÃO

A pesquisa apresentou alguns reflexos a fim de contribuir para melhor habilitar o segmento feminino a ocupar cargos e desempenhar funções ligadas ao emprego em combate.

Um dado relevante observado no trabalho, foi a apresentação de alguns mitos que contribuíram para um grande lapso temporal de cerca de 37 anos entre o ingresso das primeiras mulheres nas Forças armadas e a inserção feminina na linha de ensino Bélico do Exército Brasileiro.

A superação desses mitos tem acompanhado a evolução da mulher na sociedade, que passou a ser protagonista em diversas áreas no mercado de trabalho, deixando de ser apenas a responsável pela família e o lar. Paralela a essa evolução a mulher vem ganhando espaço nas Forças Armadas conseguindo desmistificar a ideia de que a mulher não é feita para o combate e possibilitando a inserção na linha combatente.

Outro aspecto importante é a necessidade de quebra de paradigmas para que essa inserção seja bem-sucedida, não bastam apenas as adaptações físicas estruturais e documentais da escola, que já foram feitas e estão sendo utilizadas. Há que se verificar os reflexos aqui apresentados nos aspectos psicossociais, fisiológicos, jurídicos, culturais e de liderança para procurar aperfeiçoar ainda mais o processo. Muitos desses aspectos ainda não surgiram na prática, mas poderão ser relevantes e comprometer o andamento dos trabalhos e dificultar a consolidação da mulher na linha bélica se não forem bem conduzidos durante a formação na AMAN.

Outro dado também relevante e que faz parte das premissas do projeto elaborado pela AMAN e foi aqui apresentado, é a necessidade de se dar o mesmo tratamento as mulheres que é despendido ao sexo masculino.

Algumas características relacionadas com a fisiologia das mulheres são apontadas como limitação à capacidade feminina no desempenho de tarefas militares que exijam vigor físico, e obviamente impõem tabelas e critérios diferentes dos homens nos testes físicos. Porém a AMAN conduz com grande lisura essas atividades sem conceder regalias pelo fato de serem mulheres.

Isso contribui para a formação da identidade militar dessas mulheres e facilita a aceitação dentro de um ambiente masculino, uma vez que, ainda vemos muitos militares homens que consideram que as mulheres obtém uma vantagem injusta com os índices diferenciados,

principalmente em ambientes altamente competitivo, como as escolas militares, onde os resultados obtidos influenciam diretamente no futuro profissional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das últimas décadas, principalmente dos anos de 1970 em diante, conforme apresentado no trabalho, a mulher vem ganhado espaço na sociedade em uma luta ferrenha pelo equilíbrio entre os gêneros. Atualmente ela já é protagonista em diversas áreas do mercado de trabalho, tem alguma parcela de participação na política, apesar de ainda aquém do desejável e desempenha papel importante em diversos setores da sociedade.

Nas Forças Armadas não poderia ser diferente. Conforme também abordado no trabalho, seu ingresso remonta da II Guerra Mundial em emprego específico na atividade de enfermagem porém, somente a partir de 1980 começam efetivamente a incorporar na área administrativa da Marinha do Brasil e evolui junto com a avanço feminino na sociedade culminando com a inserção naquela que era a única área que faltava ser ocupada pela mulher nas FFAA, a linha de ensino militar bélica do Exército Brasileiro, responsável pela preparação para o combate. Tal fato vem a contribuir ainda mais para a perfeita integração das Forças Armadas com a sociedade.

Alguns mitos que seriam empecilhos para a inserção feminina foram apresentados e se encontram em fase de desmistificação uma vez que a participação da mulher na linha bélica já é uma realidade.

A implantação da inserção vem ocorrendo de forma gradativa iniciando por um projeto elaborado e conduzido pela AMAN, onde foram destacados alguns reflexos da inserção feminina que é o objetivo principal desse trabalho.

Entre os principais reflexos para a AMAN, o trabalho apresenta, além daqueles já observados no projeto, aqueles que ainda podem vir a surgir e que carecem de atenção, uma vez que a formação ainda está em andamento e essas observações podem contribuir para o aprimoramento dos trabalhos realizados pela AMAN no dia a dia das futuras oficiais do Exército Brasileiro, principalmente por se tratar de algo novo que está sendo implementado e é necessário ser muito bem conduzido para formar uma identidade militar dessas mulheres dando-lhes os mesmo tratamento despendido aos homens, a fim de consolidar uma concreta inserção da mulher na linha combatente.

Entre os reflexos possíveis de ocorrerem ainda durante a formação, estão os relacionados aos aspectos psicossociais, fisiológicos, jurídicos, culturais e de liderança que foram abordados com a apresentação de exemplos no trabalho e podem intervir na consolidação feminina na linha bélica ou ainda trazer problemas futuros para a administração militar.

Desta forma, verifica-se que as medidas necessárias para se proporcionar a adequada formação da mulher no ensino bélico, já foram tomadas e a AMAN já está em meio a condução dessa formação. Os entraves iniciais foram superados e resta apenas aperfeiçoar, como toda e qualquer atividade militar, procurando as oportunidades de melhoria dos processos.

Alguns dos possíveis reflexos para AMAN aqui apresentados, só irão se concretizar quando realmente vierem a ocorrer no dia a dia das cadetes, uma vez que são aspectos com características peculiares de abordagem para o sexo feminino, até lá cabe a academia adotar medidas de prevenção e em algumas situações aproveitar o exemplo das outras forças que já possuem mulheres em suas escolas superiores há mais tempo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vítor Hugo de Araújo. **Mulheres nas Forças Armadas Brasileiras: situação atual e perspectivas futuras.** 2015. 47 f. Tese (Doutorado) - Defesa Nacional e Segurança Pública, Consultoria Legislativa, Brasília, 2015.

ANDRADA, S. A. de; PERES, H. M. **Mulheres a Bordo**: 30 Anos de Mulher Militar na Marinha do Brasil. Rio de Janeiro: Hmperes& Associados, 2012.

BAQUIM, Cristiane Aparecida. **O sonho de Ícaro**: a educação das pioneiras da aviação militar na Academia da Força Aérea. 208. 296f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, 2008.

BRASIL. **Lei n. 12.705, de 08 de agosto de 2012.** Dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército. Diário Oficial da União - Seção 1 - 9/8/2012, Página 3 (Publicação Original). Brasília, DF, 2012a.

GERHARDT, Tatiana Engel (Org); SILVEIRA, Denise Tolfo (Org). **Métodos de pesquisa.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, coordenado pela Universidade Aberta do Brasil. – UAB, Porto Alegre – RS, 2009.

HONORATO, Hercules Guimarães - Débora de Araújo Rabello **"As primeiras Aspirantes na Escola Naval: inclusão, trajetórias iniciais e boas-vindas às novas "sentinelas dos mares".** REVISTA DE VILLEGAGNON ANO IX – NÚMERO 9 – 2014 - ISSN 1981-3589

MAZULO, Luana Ferreira da Silva, **Mulheres no Exército Brasileiro. Um estudo sobre poder simbólico e relações de poder em uma organização militar.** PUC Rio de Janeiro, 2010.

NETO, Nereu Augusto dos Santos. **A mulher na linha de ensino militar bélico.** Artigo Científico (pós-graduação lato sensu em política, estratégia e alta administração militar). Rio de Janeiro: ECEME, 2013.

OLIVEIRA, Hermann Moreira de. **A inserção do gênero feminino nas Forças Armadas.** 2015. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia, Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS. Marina Miranda Lery; COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. **Mulheres na Força Aérea Brasileira: um estudo sobre as primeiras oficiais aviadoras.** In: Revista Estudos de Psicologia,3 ed. Natal: UFRN, 2010.

AGÊNCIA Brasil, **Exército recebe mulheres para ensino militar bélico**, 2018. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-02/exercito-recebe-mulheres-na-aman-para-ensino-militar-belico-pela-primeira Acesso em: 13 de set 2019.

MINISTÉRIO da Defesa**, Mulheres nas forças, exército promove inserção feminina em seus quadros**, 2018. Disponível em: http://www.defesanet.com.br/terrestre/noticia/32919/Exercito-

Brasileiro-inaugura-instalacoes-para-atender-novas-alunas-da-Linha-de-Ensino-Militar-Belico-/ Acesso em: 13 de set 2019.

TESES Abertas, **As condições de ingresso das mulheres na linha bélica do Exército brasileiro,** [s.d]. Disponível em: http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1011782_2014_cap_4.pdf Acesso em: 14 de set de 2019.

EXÉRCITO Brasileiro. **A história da mulher no exército**, [s.d]. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/ingresso/mulheres-no-exercito/ Acesso em: 14 de set de 2019.

INSTITUTO Igarapé. **Situações extraordinárias - a entrada de mulheres na linha de frente das Forças Armadas brasileiras,** 2017. Disponível em: https://igarape.org.br/mulheres-forcas-armadas/pt/ Acesso em: 14 de nov de 2019.